

Arte e Sociedade

Editores temático: Moacir dos Anjos e Paulo Marcondes

nº 10 | 10 de agosto de 2023

Sobre bichos, bixinhas, abstração e concretude na arte brasileira

Moacir dos Anjos

A virada política nas artes visuais no Brasil é fato. Seja em exposições institucionais ou em feiras de arte, em premiações ou projetos editoriais, há uma presença forte e incontestada, ao longo dos últimos dez anos, de questões historicamente ausentes do campo artístico brasileiro, notadamente aquelas vinculadas à violência colonial que funda e define o Brasil. Em simultâneo, tornam-se ali gradualmente mais visíveis trabalhos de artistas indígenas, negros e que se identificam como pessoas transgêneras, desafiando sua patente sub-representação (ou mesmo total ausência) nesse espaço de legitimação.

Trata-se de uma produção artística que difere, de modo evidente, daquela que esteve hegemonicamente associada ao país (internamente e no exterior) ao longo das últimas décadas, grande parte da qual descendia, principal e assumidamente, da tradição construtiva da arte brasileira – em particular do *neoconcretismo*, movimento amadurecido na transição da década de 1950 para a seguinte.

Entre as obras feitas naquele período que se tornaram influentes para muitos dos artistas atuantes no país entre as décadas de 1990 e 2000, destacam-se, indubitavelmente, as de Hélio Oiticica e de Lygia Clark, ambas celebradas por sua sofisticação formal e conceitual. Para muitos dos artistas que estão desenvolvendo suas obras no Brasil de agora, contudo, não é mais possível seguir este legado – ainda que reconhecendo sua importância – sem estabelecer, com ele, uma relação crítica. Relação que é apresentada, aqui, a partir de trabalhos de duas artistas: Rosana Paulino e Liz Parayzo.

Rosana Paulino tem desenvolvido uma obra que examina processos de silenciamento, apagamento e desumanização da população negra na história do Brasil, para o que investiga suas representações visuais ao longo do tempo. Em particular, interessa-lhe examinar retratos de pessoas negras, elaborados por fotógrafos europeus que viviam no país no século XIX. Em vários de seus trabalhos, a artista usa fotografias feitas pelo francês Auguste Stahl, por encomenda do naturalista suíço-americano Louis Agassiz, no âmbito da Expedição Thayer – visita de exploração científica ao Brasil organizada pela Universidade de Harvard entre 1865 e 1866.

O objetivo da expedição era expandir uma documentação visual dos tipos raciais existentes no mundo, iniciada pelo pesquisador na década de 1850, nos Estados Unidos. A pedido de Agassiz, Stahl fotografou dezenas de mulheres e homens negros e mestiços no Rio de Janeiro, registrando-os muitas vezes despidos. Essas fotografias seriam usadas como evidência das teorias criacionistas e racialistas de Agassiz, as quais eram baseadas em duas principais ideias: primeiramente, a de que a humanidade seria formada não por uma, mas por várias espécies ou raças humanas, criadas por gesto divino; em segundo lugar, a ideia de que haveria uma hierarquia entre essas espécies ou raças, igualmente instituída por ordem de Deus.

Fundamentalmente, o naturalista estava empenhado em demonstrar que estaria em curso um processo de degenerescência das raças “superiores” (os brancos) provocada pela mestiçagem com raças “inferiores” (os negros), o que justificaria a defesa científica da segregação

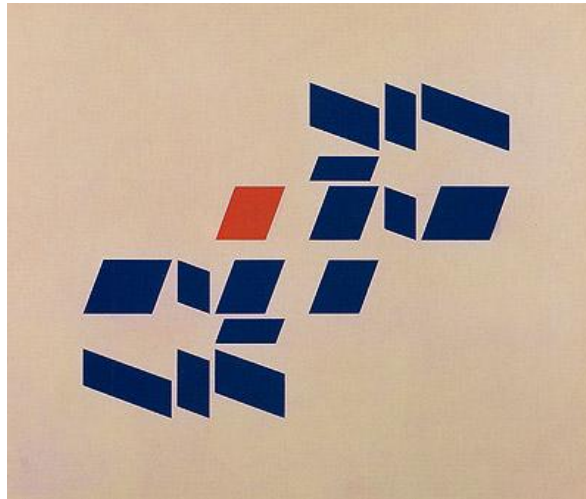
absoluta entre uns e outros. Se na época já existia arquivo fotográfico suficientemente representativo de brancos, a tarefa a que Louis Agassiz se impunha era formar arquivo amplo também de negros “puros” e de pessoas miscigenadas, de modo a poder comprovar suas convicções racistas.

Ao incorporar algumas dessas fotografias em seus trabalhos, bem como imagens de homens e mulheres indígenas feitas em contextos similares, Rosana Paulino tem um duplo propósito: denunciar a violência nelas contida e devolver humanidade às pessoas ali retratadas. Em uma das séries assim feitas, chamada *Geometria à Brasileira* (2018), imagens de homens e mulheres negros e indígenas são aproximadas de imagens de exemplares da flora e da fauna brasileiras (também feitas por artistas europeus no Brasil), como se todas elas fossem parte de um estudo classificatório de espécies naturais. Nas obras, os olhos desses homens e mulheres estão, além disso, obstruídos por elementos geométricos coloridos, em referência possível – sugerida pelo título da série – à tradição abstrata e geométrica da arte brasileira.



Rosana Paulino. *Geometria à Brasileira Chega ao Paraíso Tropical*, 2018. Reprodução.

Em particular, as obras parecem fazer alusão, no uso especializado desses blocos de cor que obliteram olhos, à série de trabalhos feita por Hélio Oiticica no final da década de 1950, conhecida por *Metaesquemas*.



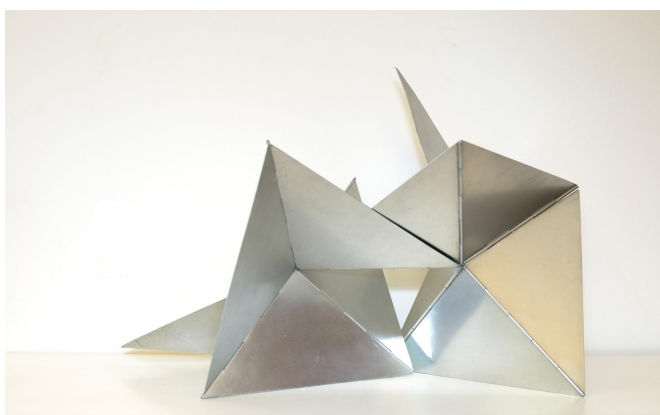
Hélio Oiticica. *Metaesquema*. 1957. Reprodução.

Além das ciências ditas naturais, Rosana Paulino parece sugerir que também a história da arte possui suas estratégias, explícitas ou não, de apagar as diferenças e o protagonismo daqueles povos. Povos que, para que o Brasil fosse inventado como lugar regido pela razão, foram continuamente violentados pelo colonizador e, em seguida, pelo próprio brasileiro branco que não reconhecia, em indígenas e negros, a humanidade que reclamava para si mesmo.

Em alguns dos trabalhos da série *Geometria à Brasileira*, os olhos dos animais estão igualmente vendados por barras de cor, como a lembrar que tal como homens e mulheres racializados, aqueles estão à mercê de uma racionalidade arrogante que se atribui o direito de definir o que pode e o que não pode viver. De definir, por vezes, o que deve morrer.

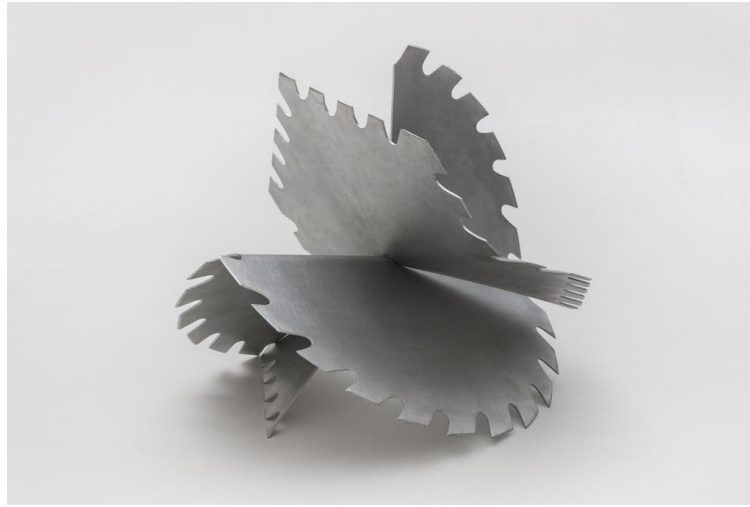
A artista Lyz Parayzo, por sua vez, dialoga em sua obra com uma série de trabalhos feita por Lygia Clark no início da década de 1960, nomeada de *Bichos*. Os *Bichos* são objetos feitos de placas recortadas de alumínio articuladas por dobradiças, de modo que podem ser mexidos

por qualquer pessoa e assumir formas diferentes. Mais ainda: são trabalhos que somente ganham significado se forem manipulados por quem os deseje. Para Lygia Clark, o artista seria apenas um proponente de experiências, enquanto o público seria o ativador dessas proposições, e não apenas um espectador passivo. Implícito nessa sugestão estaria o fim de limites rígidos entre quem é e quem não é artista. Ideia de participação do *outro* na construção de significados da arte, que se tornou muito influente no Brasil nas décadas seguintes.



Lygia Clark. *Bicho Linear*. 1960. Reprodução.

Para Lyz Parayzo, contudo – assim como para outras e outros artistas que produzem no tempo presente –, esta noção de partilha na construção de significados dos trabalhos não é mais suficiente. Ela se inscreve na trilha do projeto construtivo elaborado por Lygia Clark apenas para promover nele uma torção crítica. Movimento que fica evidente na sua série batizada de *Bixinhas*, iniciada em 2018, que formalmente remete e se assemelha à série de *Bichos*, de Lygia Clark, mas que estabelece, com ela, uma marcada diferença: as bordas das placas de metal que constituem as *Bixinhas* são serrilhadas, podendo ferir as mãos de quem quiser manuseá-las. Essa característica construtiva faz com que as serras também possam servir como instrumentos de proteção e autodefesa.



Lyz Parayzo. Bixinha Circular Hexagonal, 2019. Reprodução.

Bixinhas, neste contexto, não é, evidentemente, somente um diminutivo para o feminino de *Bichos*, posto que a troca do CH pelo X na nomeação da série a associa ao termo que usualmente designa uma pessoa *queer* no Brasil. Palavra que, dependendo de quem a usa, pode ser insulto e pode também ser declaração de pertencimento partilhado de condição de vida. Considerando que Lyz Parayzo é uma jovem mulher trans, o título genérico que usa para vários de seus trabalhos – *Bixinhas* – tem aqui conotação empática e de acolhimento. Conotação que faz também recordar, todavia – dada a violência implícita que seus objetos encerram –, que o Brasil é o país com maior número de pessoas transgêneras assassinadas no mundo, e que a maior parte da população transgênera no Brasil morre antes de completar 35 anos.

A contribuição de Lygia Clark para a tradição construtiva ganha, assim, nos trabalhos de Lyz Parayzo, um significado completamente diferente. Passa a ser plataforma formal de denúncia de um abuso e, também, da necessidade de resistir a ele, reivindicando assertividade de corpos usualmente subalternizados no Brasil. Com isso, a participação que as *Bixinhas* demandam é de ordem distinta daquela sugerida pelos *Bichos*. Na série de Lyz Parayzo, o que mais importa é a participação de qualquer um (artista e não-artista) na construção de uma outra paisagem

social para o país. As *Bixinhas* são, de modo singular, um convite à participação na luta, sem fim certo, contra a violência de gênero.

As séries *Geometria à Brasileira* e *Bixinhas* são exemplos da virada política na arte contemporânea brasileira. Exemplos, em particular, de como suas autoras (além de outras e outros vários artistas) reconhecem a importância da tradição construtiva moldada décadas atrás no país ao mesmo tempo que apontam problemas ou limitações na adesão acrítica tantas vezes feita a ela, evidenciados pelos temas e demandas que movem o Brasil de agora. De diferentes maneiras, Rosana Paulino e Lyz Parayzo apontam a necessidade de revisitar essa tradição a partir de questões estranhas às concepções que lhe deram origem. Pondo-a pelo avesso, mostram que, se é preciso entender e acatar sua relevância e potência histórica, é necessário também fraturar sua hegemonia que por várias décadas foi indisputada.

O AUTOR



Moacir dos Anjos é pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) e coordenador-geral do Museu do Homem do Nordeste. Foi curador da 29ª edição da Bienal de São Paulo (2010) e é autor dos livros *local/global: Arte em trânsito* (Zahar, 2005), *Artebra crítica* (Martins Fontes, 2010) e *Contraditório: arte, globalização e pertencimento* (Cobogó, 2017).

COMO CITAR ESSE TEXTO

DOS ANJOS, Moacir. Sobre bichos, bixinhas, abstração e concretude na arte brasileira. (Artigo). In: *Coletiva - Arte e Sociedade*. nº 10. Publicado em 10 ago. 2023. Disponível em: <<https://www.coletiva.org/arte-e-sociedade-sobre-bichos-bixinhas-abstracao-e-concretude-na-arte-brasileira-por-moacir-dos>>. ISSN 2179-1287.